

Comprovada a mediunidade na Bíblia

A inepta tentativa de se negar a mediunidade como constante da *Bíblia* é algo que, geralmente, se vê em partidários dos seguimentos religiosos ditos cristãos; porém, qualquer estudioso sério e imparcial verá que o que ocorre é justamente o contrário, ou seja, a *Bíblia* é o maior repositório de fenômenos mediúnicos, os quais, mesmo sendo de ordem natural, sempre foram levados à conta de ocorrências sobrenaturais.

É importante ressaltar que algumas pessoas de elevado conhecimento bíblico aceitam essa realidade na *Bíblia*, como é o caso, por exemplo, do teólogo e pastor Nehemias Marien (1933-2007), era mestre em Ciências Bíblicas pela Escola Bíblica de Jerusalém e pela Universidade de Nottingham – Inglaterra, que numa entrevista à revista *Visão Espírita*, disse:

Visão Espírita – O que o senhor diz sobre a comunicabilidade com os espíritos?

Pastor Nehemias – Literalmente, do Gênesis ao Apocalipse, a *Bíblia* assegura essa comunicabilidade. É vasta a galeria dos médiuns que na *Bíblia* entram em transe no cumprimento de sua missão. Cito alguns: Abraão, José, Moisés, Samuel, Elias, Eliseu, Daniel, Isaías, Jeremias. **Os profetas eram médiuns e todos os seus oráculos eram feitos em transe mediúnicos no ápice de seus êxtases espirituais.** É isso que eu estava tentando passar. [...] (BISPO e LEITE, 2000, p. 49-50, grifo nosso).

O Pastor Nehemias não fala isso de graça; ele baseia-se, especialmente, na sua própria experiência mediúnica ao sentir a presença espiritual de sua avó Joana (BISPO e LEITE, 2000, p. 49-50). Diante disso, passou a ver o fenômeno sem preconceito e sem dogmatismo, razão pela qual conseguiu interpretar os fenômenos mediúnicos, relatados na *Bíblia*, com “outros” olhos.

Sucintamente podemos dizer que mediunidade é uma faculdade humana que possibilita o intercâmbio entre os Espíritos que se encontram no plano físico e os que vivem no plano espiritual. A ocorrência de uma revelação espiritual, qualquer que seja o meio, faz parte dessa faculdade, sejam seus agentes denominados de Espíritos, anjos ou deuses; isso pouco importa, já que o mais importante é essa relação entre os dois planos da vida.

O termo “profeta” é mencionado na *Bíblia* quase 450 vezes. Cabe-nos a pergunta: O que é um profeta? Em Luiz Carlos Ramos (1964-), encontramos a seguinte informação:

[...] a palavra portuguesa “profeta” vem do grego *prophêtes*, e passou a ser usada com o sentido de “intérprete dos deuses”, de *pro* – “diante” + *phémí* “dizer, manifestar, anunciar, contar; dizer sua opinião, pensar, crer” (47). À luz do prefixo grego *pro*, a palavra pode significar, pois, três coisas: aquele que fala com antecedência (de antemão), aquele que fala em público (diante do público), ou aquele que fala em lugar de outrem (48). O profeta seria, então, o porta-voz de Deus para o povo, ou aquele que fala, de antemão, em nome de Deus diante do povo.

47 Cf. HOUAISS, Antônio (ed.). *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa* versão 1.0.5a. Rio de Janeiro: Perspectiva, 2001.

48 Cf. PATTISON, 1903, p. 5.

(RAMOS, 2005, p. 34-35).

Utilizando-nos do sentido de “intérprete dos deuses” podemos observar que, embora se queira atribuir ao profeta a função de ser um porta-voz somente de Deus, o criador do Universo, na cultura dos hebreus era mais abrangente, e não restrita, como se quer fazer crer, pois os Espíritos eram considerados como deuses. Isso pode ser facilmente comprovado no passo em que é narrada a manifestação a Saul do Espírito Samuel (curiosamente um profeta hebreu) através da mediunidade da pitonisa de Endor (1Sm 28,3-35), que, descrevendo o ser que lhe aparecia pela vidência, disse “*Vejo um deus, que sobe da terra*” (1Sm 28,13).

Na *Bíblia de Jerusalém* edição Paulinas (1987), consta o termo "espectro", já na edição Paulus (2002), passou para "deus"; em ambos os casos, os tradutores explicam o uso desses termos da seguinte forma: "Em hebr. Um 'elohim', um ser sobre-humano" (p. 462 e 428, respectivamente). De fato, isso justifica a atitude de Saul: "*inclinando-se com o rosto no chão prostrou-se*" (1Sm 28,14), reverência que se fazia aos deuses.

Dois outros casos que podemos citar: em Gn 18,1-2, Abraão prostra-se diante de três Anjos e em Gn 19,1, Ló, diante de dois Anjos, prostra-se com a face por terra, reverenciando-os.

Na *Bíblia Sagrada Santuário*, reprodução da versão bíblica dos Missionários Capuchinhos de Portugal, lemos, em nota de rodapé:

Um deus que sobe na terra: a palavra hebraica para significar Deus, também designa os seres supra-humanos e, como neste caso, o espírito dos mortos. Havia a convicção de que os espíritos dos mortos estavam encerrados no sheol, e este se situaria algures por baixo da terra. (Bíblia Sagrada Santuário, p. 392).

Também temos aqui a razão de se ter afirmado "está subindo", pois, àquela época pensava-se que o xeol (sheol), situado nas profundezas da Terra, era a "[...] morada comum de todos os mortos, bons ou maus [...]" (Bíblia de Jerusalém, 2002, p. 429).

É oportuno também colocarmos o significado de profeta dado pelos tradutores da *Bíblia Sagrada*, da Editora Vozes:

Profeta. É alguém que fala aos outros em nome de Deus (Dt 18,18). É um porta-voz escolhido, enviado e inspirado por Deus para fazer em seu nome pronunciamentos, chamados – oráculos, e para fazer ver o plano e a vontade divinos. Por causa do conhecimento dos segredos divinos é chamado também de "visionário" ou "vidente". Mas o essencial de um profeta é falar em nome de Deus e não prever o futuro ou estar sujeito a **transes proféticos** (cf. Nm 11,25s e nota). (Bíblia Sagrada Vozes, p. 1534, grifo nosso).

Profetizar aqui tem o sentido original de "entrar em transe, em êxtase" (cf. 1Sm 10,10-13). O fenômeno, conhecido também no cristianismo primitivo (At 2,6-11.17; 1Cor 12-14), é passageiro (1Sm 19,20.-24) e não é essencial ao carisma profético. O episódio visa colocar a origem do movimento profético posterior em Israel, e de colorido cananeu, nos tempos de Moisés (cf. Dt 18,15-19). (nota explicativa de Nm 11,25s, Bíblia Sagrada Vozes, p. 170).

Observamos que os profetas também eram chamados de videntes, o que ainda podemos comprovar com esse passo: "*Antigamente em Israel, quando alguém ia consultar a Deus, dizia: 'Vamos ao vidente', porque em vez de 'profeta', como se diz hoje, dizia-se 'vidente' (1Sm 9,9), ou seja, possuíam a mediunidade de vidência. Numa versão moderna, daríamos a esse passo a seguinte redação: "Antigamente em Israel, quando alguém ia consultar a Deus, dizia: Vamos ao médium, porque em vez de "médium", como se diz hoje, dizia-se "profeta".*

Destaca-se ainda que os profetas entravam em transe, termo que aplicamos ao médium, quando ele busca estabelecer sintonia com os Espíritos; portanto, o que antes denominavam "transe profético", chamamos, hoje, de "transe mediúnico", mudando-se apenas os termos sem, entretanto, mudar-lhes o sentido.

Fica provado que, realmente, querem fazer com que profeta seja somente um intérprete de Deus; porém, até os deuses pagãos também tinham seus profetas, como, por exemplo, estes que são citados na *Bíblia*: quatrocentos e cinquenta profetas de Baal¹ e quatrocentos de Asera² (1Rs 18,19).

Sabemos, pelos textos bíblicos, que Moisés foi um profeta; inclusive se diz que "[...] em

1 **BAAL**. Termo hebraico que significa "senhor". É o nome do deus mais importante e mais popular da Síria, Fenícia e Canaã. Este deus era considerado o senhor do céu, e portanto, o deus da chuva, da vegetação e da fertilidade em geral. Seu culto sempre atraiu os israelitas (1Rs 16,31-33; 18,20s), apesar de combatido pelos profetas (Jr 2,23; 11,13; Ez 6,4-6; Os 13,1-6). Baal é também o nome genérico das divindades de Canaã (Cf. Jz 2,11 e nota). (Bíblia Sagrada Vozes, p. 1516).

2 **ASERA**. Divindade feminina dos fenícios, companheira de Baal, representada por uma árvore, ou por uma estaca sagrada. (Bíblia Sagrada Vozes, p. 1516).

Israel nunca mais surgiu um profeta como Moisés [...] (Dt 34,10). Logo, não se pode negar que, no desenrolar da história religiosa dos hebreus, o profeta sempre teve destaque, já que era tido como sendo o porta-voz direto de Deus, através do qual o povo recebia as Suas revelações. Diz-se que foi através de um deles que Deus enviou os dez mandamentos à humanidade; porém, há controvérsias. Na própria *Bíblia*, temos a afirmação que foi “[...] o **anjo** que lhe falava no monte Sinai [...]” (At 7,30.38), embora em outros passos está dito que a Lei foi **promulgada pelos anjos** (At 7,53; Gl 3,19 e Hb 2,2), fato esse confirmado pela História, através de Flávio Josefo, historiador hebreu: “[...] recebemos de Deus nossas santas leis, **pelo ministério dos anjos** que são seus arautos e mensageiros [...]” (JOSEFO, 2003, p. 355, grifo nosso). Observem que o que era anjo, no primeiro passo, passou para o plural anjos, nos outros.

Uma ocorrência ímpar consta de Números. Vejamo-la:

Nm 11,16-17.24-25: *“Iahweh disse a Moisés: ‘Reúne setenta anciãos de Israel, que tu sabes serem anciãos e escribas do povo. Tu o levarás à Tenda da Reunião, onde permanecerão contigo. Eu descerei para falar contigo; tomarei do Espírito que está em ti e o porei neles. Assim levarão contigo a carga deste povo e tu não a levarás sozinho. Moisés saiu e disse ao povo as palavras de Iahweh. Em seguida reuniu setenta anciãos dentre o povo e os colocou ao redor da Tenda. Iahweh desceu na Nuvem. Falou-lhe e tomou do Espírito que repousava sobre ele e o colocou nos setenta anciãos. Quando o Espírito repousou sobre ele, profetizaram; porém, nunca mais o fizeram”.*

É sintomática a afirmativa de que *“tomarei do Espírito que está em ti e porei neles”*, pois trata-se exatamente do fenômeno mediúnico, quando vários Espíritos passaram a influenciar cada um dos setenta anciãos, provando que o intercâmbio com o plano espiritual era uma realidade já àquela época.

Seguindo um pouco mais à frente, nessa narrativa, lemos:

Nm 11,26-30: *“Dois homens haviam permanecido no acampamento: um deles se chamava Eldad e o outro Medad. O Espírito repousou sobre eles; ainda que não tivessem vindo à Tenda, estava entre os inscritos. Puseram-se a profetizar no acampamento. Um jovem correu e foi anunciar a Moisés: ‘Eis que Eldad e Medad’, disse ele, ‘estão profetizando no acampamento. Josué, filho de Nun, que desde a sua juventude servia a Moisés, tomou a palavra e disse; ‘Moisés, meu senhor, proíbe-os!’ Respondeu-lhe Moisés: ‘Estás ciumento por minha causa? Oxalá todo o povo de Iahweh fosse profeta, dando-lhe Iahweh o seu Espírito!’”.*

A Eldad e Medad aconteceu que, mesmo não estando na Tenda, *“o Espírito repousou sobre eles”*, demonstrando, que a ocorrência de um fenômeno mediúnico não se prende a nenhum lugar específico, mas tão somente à capacidade da pessoa em sintonizar-se com os Espíritos.

O interessante nesse episódio é que Moisés, ao tomar conhecimento do ocorrido com Eldad e Medad, afirmou categórico: *“Oxalá todo o povo de Iahweh fosse profeta”*, o que, para nós, significa dizer que o legislador hebreu aprovava a forma pela qual os dois exerciam a sua mediunidade; certamente, de forma digna e respeitosa e sem se preocuparem com as coisas mundanas, como era comum acontecer aos que buscavam os profetas (médiums), visando consultarem-se com os Espíritos; muitos deles, se não todos, erroneamente tomados à conta de serem o próprio Deus, Criador do Universo.

Provavelmente, uma das razões de Moisés proibir a consulta aos mortos tem ligação direta com o motivo pelo qual faziam isso, ou seja, somente por razões mundanas.

Dois exemplos disso podemos encontrar nos textos bíblicos. O primeiro é o caso das jumentas de propriedade de Cis, pai de Saul, que haviam se perdido. Obedecendo à ordem de seu pai, Saul vai à procura delas; como não as encontrava decidiu voltar. Entretanto, o servo que o acompanhava sugeriu que fossem ao vidente (médium) duma cidade próxima. Saul gostou da ideia, mas não sabia como ir ao vidente, pois não tinha nada com que pagá-lo; porém, o servo disse possuir um quarto de ciclo de prata; então, seguiram para a casa de Samuel, o vidente. (1Sm 9,3-10). A partir desse caso, podemos saber que era costume pagar-se ao vidente (profeta), para nós um autêntico médium, e buscavam-no por motivos totalmente fúteis como, por exemplo, o da perda das jumentas.

O segundo caso, vamos encontrar no relato em que Saul, já na condição de rei de Israel, vendo-se apertado diante dos filisteus, quer saber o que lhe aconteceria nessa guerra. Como não obteve nenhuma revelação pelos "canais" normais, decide apelar para a consulta aos mortos, pedindo a seus servos que lhe indicassem algum lugar onde pudesse encontrar uma necromante, mulher especialista no contato com os mortos (1Sm 28,3-25). A necromancia, como sabemos, é a evocação dos mortos para fins de adivinhação. O que, exatamente, Saul queria era saber o que lhe aconteceria na guerra contra os filisteus, comprovando que seu motivo era simplesmente mundano.

Em resumo, podemos citar três motivos, pelos quais Moisés poderia ter se baseado para proibir evocar os mortos: a) consideravam os Espíritos como deuses; b) o objetivo das consultas estava relacionado a questões mundanas; c) médium mercantilizando sua mediunidade.

Para nós, ele estava coberto de razão. Vejamos o texto em que supostamente consta a proibição mencionada; iremos dividi-lo em três partes para se ter uma melhor noção do contexto em que se encontra e facilitar sua análise:

Dt 18,9-12: *"Quando entrares na terra que Iahweh teu Deus te dará, não aprendas a imitar as abominações daquelas nações. Que em teu meio não se encontre alguém que queime seu filho ou sua filha, nem que faça presságio, oráculo, adivinhação ou magia, ou que pratique encantamentos, que interrogue espíritos ou adivinhos, ou ainda, que evoque os mortos; pois quem pratica essas coisas é abominável a Iahweh, e é por causa dessas abominações que Iahweh teu Deus as desalojará em teu favor"*.

Dt 18,13-14: *"Tu serás íntegro para com Iahweh teu Deus. Eis que **as nações que vais conquistar ouvem oráculos e adivinhos. Quanto a ti, isto não te é permitido por Iahweh teu Deus**"*.

Dt 18,15-18: *"Iahweh teu Deus suscitará um profeta como eu no meio de ti, dentre os teus irmãos, e vós o ouvireis. É o que tinhas pedido a Iahweh teu Deus no Horeb, no dia da Assembleia: 'Não vou continuar ouvindo a voz de Iahweh meu Deus, nem vendo este grande fogo, para não morrer', e Iahweh me disse: 'Eles falaram bem. Vou suscitar para eles um profeta como tu, do meio dos seus irmãos. Colocarei as minhas palavras em sua boca e ele lhes comunicará tudo o que eu lhe ordenar"*.

Quando nos apresentam essa proibição, sempre citam apenas o trecho de Dt 18,9-12; portanto, descontextualizando o que realmente Moisés estava querendo proibir. É fácil ver que seu objetivo está bem resumido nos dois versículos seguintes, ou seja, Dt 18,13-14 (ver em negrito), onde fica evidente tratar-se apenas da adivinhação, ou seja, o conhecimento do futuro.

No último trecho, Dt 18,15-18, Moisés procura tranquilizá-los, dizendo que Deus iria fazer surgir outro profeta como ele, para que o povo não ficasse sem o contato com o plano espiritual. Em nota, os tradutores da *Bíblia de Jerusalém* afirmam que "[...] Sem dúvida, depois da morte de Moisés, Deus suscitará uma linhagem de profetas (Dt 18,15.18+)". (*Bíblia de Jerusalém*, 2002, p. 221).

Certamente, dizer que Moisés proibiu totalmente a comunicação com os mortos (deuses) é generalizar, pecando-se contra o teor do texto e contra o contexto, no qual ele inseria tal recomendação. A prova bíblica de que era algo bem específico, temo-la em:

Lv 19,31: *"Não vos voltareis para os **necromantes nem consultareis os adivinhos**, pois eles vos contaminariam. Eu sou Iahweh vosso Deus"*.

Lv 20,6: *"Aquele que recorrer aos **necromantes e aos adivinhos** para se prostituir com eles, voltar-me-ei contra esse homem e o exterminarei do meio de seu povo"*.

Observa-se que a proibição, e a sua respectiva penalidade, como em Dt 18,13-14, está relacionada com a evocação dos mortos, para fins de adivinhação e com os adivinhos de uma forma geral; nada mais que isso. Tentar estender essa proibição de Moisés a qualquer tipo de comunicação com os Espíritos dos mortos, através de pessoas com aptidões mediúnicas, é trair o teor desse texto bíblico.

Pior do que isso, é dizer que o espiritismo é condenado pela *Bíblia*, uma vez que o

vocábulo "Espiritismo" só veio a público em 18 de abril de 1857. Além disso, sua prática não consiste em evocar os mortos para fins de adivinhação, como alguns desavisados ou os de má-fé querem fazer crer os incautos.

Ademais, já o dissemos milhares de vezes, se há a possibilidade da comunicação com os mortos, isso se deve a leis naturais criadas por Deus e, certamente, Ele jamais criaria algo que lhe fosse abominável. Crer nisso é abdicar da capacidade de pensar, sujeitando-se a imposições dogmáticas. É algo tão absurdo como fazer uma rodovia ligando duas cidades e proibir que veículos transitassem nela.

Certa vez, ao apresentar a manifestação do Espírito Samuel a Saul (1Sm 28,3-25) como uma forma de demonstrar a existência da comunicação com os mortos, o que fatalmente provaria a mediunidade na *Bíblia*, contra-argumentaram dizendo que Samuel, como profeta de Deus, jamais iria fazer algo contrário a Sua determinação. Porém, mais do que isso, nós afirmamos que se a comunicação com os mortos fosse mesmo uma ordem divina, quem não iria se manifestar seria o próprio Moisés, que foi o Seu porta-voz, como os textos bíblicos provam-nos sua manifestação no fenômeno da transfiguração (Mt 17,1-9; Mc 9,2-10; Lc 9,28-36). E, além disso, colocaríamos Jesus em maus lençóis ao aceitá-lo como fazendo algo contra a vontade de Deus, apesar dele ter peremptoriamente afirmado que: "*Meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou*" (Jo 4,34) e "*não procuro fazer a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou*". (Jo 5,30).

Nos primórdios do cristianismo, Paulo de Tarso foi quem mais se envolveu com a mediunidade, a ponto de tecer sérias recomendações ao coríntios (1Cor 12,4-11). Ele a denominou de "dons do espírito", incluindo, entre esses dons, o de discernir os Espíritos (1Cor 12,10), o que nos leva a supor que se manifestavam Espíritos bons e maus, razão pela qual, também, João alertara: "*Amados não crediteis em qualquer espírito, mas examinai os espíritos para ver se são de Deus, [...]*" (1Jo 4,1). O que, em outras palavras, significa dizer que antes de dar ouvidos aos Espíritos que se manifestavam, deviam procurar saber se eram bons Espíritos.

Portanto, concluímos, portanto, que, apesar da mediunidade e do fenômeno mediúnico encontrarem-se nas páginas da *Bíblia*, isso jamais significa dizer que o vocábulo "Espiritismo" está na *Bíblia*, porquanto, seu significado é muito mais do que isso e bem posterior aos textos bíblicos.

Poderíamos estender as ocorrências, mas isso iria tornar esse texto longo demais e, também, repetir o que já mencionamos em nosso texto "Manifestação de Espíritos, a própria Bíblia é uma das provas", disponível na categoria "Livros - Textos" em nosso site: www.paulosnetos.net.

Ademais, concordamos plenamente com o Espírito Emmanuel que, pela psicografia de Chico Xavier, disse: "O fenômeno mediúnico é de todos os tempos e ocioso seria mostrar, num estudo simples, o papel que lhe cabe na gênese de todos os caminhos religiosos". (XAVIER, 1988, p. 149).

Paulo da Silva Neto Sobrinho
jan/2013
(revisado ago/2013)

Referências bibliográficas:

- Bíblia de Jerusalém, 3ª impressão. São Paulo: Edições Paulinas, 1987.
Bíblia de Jerusalém, nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.
Bíblia Sagrada, 8ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 1989.
Bíblia Sagrada, 5ª edição, Aparecida-SP: Santuário, 1984.
BISPO, A. e LEITE, E. Nehemias Marien - Um pastor autenticamente cristão, um homem verdadeiramente evangélico. in. *Visão Espírita*, ano 2, nº 24. Salvador: SEDA, novembro/2000, p. 44-51.
JOSEFO, F. *História dos Hebreus*. Rio de Janeiro: CPAD, 2003.

RAMOS, L. C. *A pregação na Idade Mídia: os desafios da sociedade do espetáculo para a prática homilética contemporânea*. São Bernardo do Campo, 2005, disponível em http://www.luizcarlosramos.net/wp-content/uploads/2009/textos/luizramos_tese.pdf, acesso em 11.01.2013, às 10:06hs.

Este artigo foi publicado:

– revista ***Espiritismo & Ciência***, nº 105. São Paulo: Mythos Editora, ago/2013, p. 34-44.